

Reflexões sobre corpo, adoecimento e atuação do profissional de Educação Física no Crajubar, Ceará, Brasil*

Reflections on the body, illness and the role of physical education professionals in Crajubar, Ceará, Brazil

Reflexiones sobre el cuerpo, la enfermedad y la actuación del profesional de Educación Física en Crajubar, Ceará, Brasil

Lívia Silveira Duarte Aquino¹ Marcel Alves Franco²
Tadeu João Ribeiro Baptista³
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes⁴



Recebido: 28/08/2024 | Aceito: 12/05/2025

¹ Mestre em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. email: liviasilveira19@gmail.com. ORCID: [0000-0002-3473-0373](https://orcid.org/0000-0002-3473-0373).

² Doutor em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. email: macfranco1@gmail.com. ORCID: [0000-0002-7468-2302](https://orcid.org/0000-0002-7468-2302).

³ PhD em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Brasil. email: tadeujrbaptista@yahoo.com.br. ORCID: [0000-0001-5140-2032](https://orcid.org/0000-0001-5140-2032).

⁴ Doutora em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. email: isabelsm1@gmail.com. ORCID: [0000-0002-9648-0007](https://orcid.org/0000-0002-9648-0007).

* Artigo de pesquisa. Investigação elaborada no âmbito das pesquisas do Grupo Corpo, Saúde e Ludicidade (SaLud). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

Resumo

Esta pesquisa adotou a abordagem fenomenológica para descrever a percepção do corpo em adoecimento e do corpo entre seis professores de Educação Física (PEF) com lesões nos discos intervertebrais que atuam no Ceará, Brasil. A partir das entrevistas realizadas, observaram-se, nas narrativas, percepções do corpo como objeto/instrumento e como corpo biocultural. No que tange ao corpo em adoecimento, os participantes remeteram o corpo à limitação de possibilidades motoras e capacidades físicas, bem como o associaram ao processo de envelhecer. Com isso, revelam-se novas possibilidades de compreender o corpo, o adoecimento e o movimento como fenômenos existenciais, capazes de impulsionar os profissionais a um reencantamento com a Educação Física e com seus corpos. Os achados contribuem para afirmar a Educação Física como uma área voltada ao trabalho com o corpo e como um espaço de elaboração da subjetividade a partir do movimento.

Keywords:

corpo, adoecimento, profissional de Educação Física.

Abstract

This research adopted a phenomenological approach to describe the perception of the body in illness and the body among six physical education teachers (PEF) with intervertebral disc injuries working in Ceará, Brazil. Based on the interviews conducted, perceptions of the body as an object/instrument and as a biocultural body were observed in the narratives. Regarding the body in illness, the participants referred to the body as a limitation of motor possibilities and physical abilities, as well as associating it with the aging process. This reveals new possibilities for understanding the body, illness, and movement as existential phenomena, capable of driving professionals to a re-enchantment with Physical Education and their bodies. The findings contribute to affirming Physical Education as an area focused on working with the body and as a space for developing subjectivity through movement.

Palabras clave:

body; illness; physical Education professional.

Resumen

Esta investigación adoptó el enfoque fenomenológico para describir la percepción del cuerpo enfermo y del cuerpo entre seis profesores de Educación Física (PEF) con lesiones en los discos intervertebrales que trabajan en Ceará, Brasil. A partir de las entrevistas realizadas, se observaron en las narrativas percepciones del cuerpo como objeto/instrumento y como cuerpo biocultural. En lo que respecta al cuerpo enfermo, los participantes se refirieron al cuerpo como una limitación de las posibilidades motoras y las capacidades físicas, y lo asociaron al proceso de envejecimiento. Con ello, se revelan nuevas posibilidades de

comprender el cuerpo, la enfermedad y el movimiento como fenómenos existenciales, capaces de impulsar a los profesionales a un reencantamiento con la Educación Física y con sus cuerpos. Los hallazgos contribuyen a afirmar la Educación Física como un área dedicada al trabajo con el cuerpo y como un espacio de elaboración de la subjetividad a partir del movimiento.

Palavras-chave:

cuerpo; enfermedad; profesional de Educación Física.

Introducción

Existem várias concepções de doença e de adoecimento disseminadas em nossa sociedade. Tais compreensões sofrem influências diversas e variam de sociedade para sociedade e com o passar dos anos (Mendes et al., 2014). Podemos destacar epistemes advindas tanto das ciências biomédicas quanto de construções sociais. Neste estudo, destaca-se o processo de adoecimento do corpo como um fenômeno extremamente pertinente e que requer nossa atenção enquanto fenômeno biológico e experiência humana e social.

O adoecimento é uma vivência humana que envolve diretamente o corpo, uma vez que, a partir dele, são estruturadas e sintetizadas todas as formas de vinculação dos seres humanos com os objetos, com outros sujeitos e com o meio em que vive (Merleau-Ponty, 2018). Desse modo, tomamos como premissa para nossas reflexões a experiência perceptiva tanto de quem pesquisa quanto de quem é pesquisado. As experiências perceptivas são relevantes para as investigações sociais, pois é por meio da descrição dessas percepções que se torna possível acessar nossos objetos de investigação: a compreensão do corpo e os sentidos atribuídos ao corpo em adoecimento pelos sujeitos. Esses objetos só podem ser entendidos em um contexto social e em um sistema cultural, nos quais os sentidos atribuídos ao mundo são codificados e partilhados (Le Breton, 2012). Assim, reconhecemos a percepção como uma atitude de abertura do indivíduo ao mundo em que se insere (Nóbrega, 2010; Caminha, 2019).

A atitude perceptiva é um movimento intencional do corpo voltado ao mundo e ao outro. Perceber o corpo sob essa perspectiva significa compreendê-lo como o meio pelo qual o ser humano está e é no mundo (Merleau-Ponty, 2018), ou seja, como o próprio ser humano atua na conjuntura social em que se está inserido, composto pela soma de todos esses elementos culturais (Le Breton, 2012). Isso posto, diante das conexões entre os processos que transversalizam o corpo e as maneiras de o conceber, não é razoável encarar tais relações como passíveis de afastamento das experiências de saúde e adoecimento. Para o profissional de Educação Física (PEF), tal experiência não é diversa. Devido à natureza de suas atividades, há uma significativa exigência corporal e de movimentação, podendo o PEF ser acometido por lesões que afetam o sistema locomotor, como ocorre em diagnósticos de hérnias de disco.

Nesse sentido, a doença é compreendida como uma alteração das normas vitais vividas pelo ser humano. Contudo, ela não se reduz a essa perspectiva, pois também simboliza uma

inconformidade e um esforço da natureza para auxiliar o ser humano a reencontrar seu estado de harmonia (Canguilhem, 2009). A doença é socialmente entendida como algo perigoso e perturbador para quem a vivencia. A saúde, por sua vez, é apreendida como o estado de conformidade, não unicamente fisiológico, mas um estado de ajuste interno do ser que procura o equilíbrio consigo e com o ambiente (Gadamer, 2006). Com base nisso, o adoecimento, como um processo humano, é sinônimo de um movimento orgânico em busca da cura, já que o organismo aflora uma doença com a intenção da cura (Canguilhem, 2009).

Diante disso, compreendemos os processos de saúde e os processos de adoecimento como fenômenos atravessados pelas histórias de vida e pelos aspectos sociais. Por essa razão, não os abordamos somente pela ótica médico-biológica. O adoecimento expressa o processo de existir com uma doença, configurando-se como um modo de existência singular. Para o filósofo Merleau-Ponty (2018), a experiência de adoecer ultrapassa a noção de desequilíbrio clínico e se relaciona a um momento que transversaliza toda a existência. Nesse contexto, o corpo em adoecimento possibilita a vivência de um processo de autopercepção relacionado ao próprio bem-estar ou à sua ausência, envolvendo as capacidades e os sentimentos que emergem dessa experiência. Assim, constitui um caminho de construção da subjetividade humana a partir das percepções advindas do adoecer.

Ao analisarmos a produção científica sobre a temática, a partir de uma busca na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e na base Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), utilizando os descritores “corpo”, “doença”, “professor de Educação Física”, “educador físico” e “profissional de Educação Física”, em português e inglês, constatou-se a ausência de discussões específicas sobre o tema, o que evidencia a relevância deste estudo para a área. Este estudo foi guiado pela seguinte questão norteadora: Quais as percepções do corpo e do corpo em adoecimento para os PEFs com hérnia de disco (HD) que atuam nos municípios de Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte (Ceará, Brasil)? Considerando a experiência do corpo em adoecimento, esta pesquisa fundamentou-se no pressuposto de que as vivências humanas, mediadas pelo corpo, nele se elaboram ao construir sua subjetividade e as relações com o mundo, com os outros e com a natureza. Assim, busca-se trazer uma temática necessária para subsidiar os PEFs na percepção e vivência de seus corpos e dos processos de adoecimento e de saúde.

Metodologia

A pesquisa “Investigando trabalhadores da Educação Física com diagnóstico de hérnia de disco que atuam em três municípios do Ceará, no Brasil” foi aprovada pela Comissão de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob o parecer n.º 5.631.054. Esta investigação, de caráter qualitativo, analisa a forma como PEFs atribuem sentidos ao fenômeno do corpo em adoecimento, com o intuito de compreendê-lo a partir da interpretação

de suas considerações, olhares e vivências, bem como de seus contrastes e modos de ser (Moura, 2021).

Como método de pesquisa, optamos pela atitude fenomenológica de Merleau-Ponty (2018) para compreender como os fenômenos do corpo e do corpo em adoecimento são percebidos pelos PEFs com HD. A fenomenologia é a observação das essências na existência. É uma filosofia que investiga o mundo que existe mesmo antes de uma reflexão ou da observação do fenômeno (Merleau-Ponty, 2018). Ao se estudar a essência do corpo adoecido do PEF com HD, busca-se descrever como é viver o adoecimento para quem trabalha com o movimento humano, pois é a partir do relacionamento com o meio e consigo que são delineados os sentidos e o saber humano. Com base nas descrições, investigamos o contexto dos professores e as intenções que baseiam a criação dos sentidos para o processo de adoecimento, já que o mundo não é objeto do ser, ele é o meio em que vive (Merleau-Ponty, 2018).

Para a seleção dos entrevistados, identificamos um informante-chave — a primeira entrevistada —, que indicou mais três PEFs com o perfil definido para a pesquisa. A partir dessas indicações, novos participantes foram incluídos em sequência (Moura, 2021; Vinuto, 2014). Ao final, seis colaboradores compuseram o grupo (Creswell, 2007). As narrativas ocorreram com base em um roteiro semiestruturado, elaborado pela pesquisadora, conferido por outros pesquisadores e depois testado antes da fase de campo (Moura, 2021). Foram realizadas gravações e transcrições das entrevistas. Para a participação na pesquisa, foi solicitada aos profissionais a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

A partir da descrição das experiências vividas, organizamos as narrativas de modo a explicitar, mediante a redução fenomenológica (Merleau-Ponty, 2018), as unidades de significados acerca do corpo e do corpo em adoecimento, a saber: 1) corpo instrumento e/ou objeto e corpo biocultural, quanto às compreensões de corpo; 2) corpo limitado em suas possibilidades motoras e capacidades físicas; e 3) corpo envelhecido ou descuidado, para a percepção do corpo em adoecimento.

Resultados e discussão

Concepções de corpo do profissional de Educação Física

A partir daqui, discutimos a respeito da forma de perceber os corpos e sua relação com o processo de adoecimento. Quando questionados acerca do que é o corpo, três participantes revelaram uma concepção que o associa a um objeto ou instrumento de trabalho, de locomoção e de aferição da saúde. Isso se observa na fala do participante GS, que afirmou que o corpo o move e o faz sentir-se bem e é o que confere a medida de saúde ou de doença (GS, 2022). De modo semelhante, AP declarou que o corpo:

É uma ferramenta que me faz realizar todos os objetivos, dos mais simples até os mais complexos que eu me sinta capaz de realizar. Então, eu acho que o corpo é

realmente... é [...] como se fosse assim a gente planeja o seu corpo executa, então, ele é uma ferramenta de alta importância para o ser humano, tanto que uma vez que o corpo adoece a mente adoece simultaneamente [...] (AP, 2022)

Com base nessas palavras, verificamos que alguns demonstram uma concepção de corpo visto como caminho para a concretização de algo, ressaltando que a influência das ideias cartesianas continua forte nas sociedades e, mais ainda, na Educação Física brasileira. Segundo Nóbrega (2010), as ideias cartesianas influenciaram profundamente a forma como a ciência aborda o corpo, promovendo sua segmentação em dois domínios distintos: o corpo, como objeto, e a mente. A visão do corpo como uma “máquina”, proposta por Descartes no século 17, deu origem a abordagens que separam os processos cognitivos dos corporais. Tal perspectiva continua a influenciar as práticas corporais contemporâneas.

Para o PEF, adotar uma concepção de corpo restrita a órgãos e membros utilizados na execução de movimentos indica uma visão limitada e fragmentada do ser. Isso também ocorre quando doenças são tratadas exclusivamente com medicamentos para aliviar a dor, sem investigar as causas subjacentes do problema. Quanto à percepção do corpo como instrumento, o PEF sofre uma pressão social, muitas vezes silenciosa, decorrente do estereótipo ligado à noção de corpo fragmentado. Nessa perspectiva, predomina a ideia de que, para conduzir suas atividades e ser reconhecido como um profissional de sucesso, ele deve aparentar saúde e exibir um “corpo de atleta”.

Serrano & Caminha (2018), em pesquisa acerca do corpo virtual utilizado como instrumento de propaganda para atuar como personal trainer, e Araújo et al. (2016), ao investigarem o ideal de corpo promovido em painéis de propaganda, identificaram o uso do corpo como um expositor para a comercialização de serviços e produtos. Para atender a esse propósito, o corpo deve ser atlético, perfeito e “saúdável”; caso contrário, não será aceito. Sobre a forma objetificada de perceber o corpo, Nóbrega (2010) ressalta a necessidade de uma reforma dos conceitos sobre o tema, a fim de compreender as possibilidades de desenvolvimento da Educação Física. Ao considerar o corpo como caminho para entender os relacionamentos humanos, é essencial ponderar a complexidade de seus muitos sentidos, assim como conhecimentos que permeiam o corpo, construindo um diálogo entre, suas complexas faces (Nóbrega, 2010).

Em Merleau-Ponty (2018), o corpo não é objeto nem instrumento, mas sim está imbricado ao movimento, à percepção, à experiência vivida, à linguagem, às trocas com o mundo. Para o filósofo, o ser não observa seu corpo: ele é corpo. Assim, a subjetividade se constrói na conexão com os processos vividos no corpo. As reflexões propostas na teoria Merleau-pontyana (2018) tentaram superar a noção de corpo cartesiano, conhecido e abordado como objeto que serve a mente ou ainda como apartado da natureza, compreendendo-o enquanto corpo-sujeito. Por sua vez, assume-se a concepção de corpo vivo, constituído pelo vivido a partir do mover-se, das vivências com os outros e no mundo, visto como natureza, e não um corpo sem vida e dirigido pela mente.

Em consonância com o proposto por Merleau-Ponty (2018), outros dois participantes da pesquisa adotam uma concepção de corpo amplo, concebendo-o como biocultural, fato que constatamos quando eles remetem suas falas à dimensão da cultura. Nas palavras da participante MA, o corpo vai além do físico, sendo construção cultural e social. A profissional reconhece o corpo biológico como objeto do adoecer, principalmente se não se busca conhecer a si mesmo para se encontrar no mundo (MA, 2022). Tal fala realça uma compreensão que se afasta das concepções polarizadas e demonstra uma noção que extrapola o corpo biológico e sua função realizadora. evidencia-se um ser que se forma pelo biológico e pelo cultural (Mendes & Nóbrega, 2004). Nesse sentido, é necessário examinar outras maneiras de pensar a experiência humana e seus símbolos que levam à construção da subjetividade.

Em vista disso, Caminha (2019) instiga à reflexão sobre o ato perceptivo como um movimento em direção ao mundo. Nesse sentido, o movimento é compreendido para além dos processos fisiológicos e não se reduz a sínteses psíquicas, configurando-se como a intencionalidade do indivíduo que se abre e que se dispõe a perceber o mundo. Com base nisso, demonstramos que o corpo é biocultural, natural, histórico, sociável e sensível, pois, a partir do que experimentamos, conferimos sentidos ao existir. Isso nos estimula a ponderar o estesiológico e a historicidade ao estudá-lo, evidenciando os processos que experimenta na existência (Silva & Nóbrega, 2015).

Nesse contexto, Le Breton (2012) ressalta que a existência corporal é representada pela soma dos elementos que formam o ser humano e pela combinação daqueles com a educação que o sujeito recebe da sociedade a partir do processo de identificação. Dessa forma, o corpo, em sua dimensão subjetiva, é compreendido como a ponte que conecta o ser ao mundo. Corroboramos com essa noção de corpo enquanto unidade, que, ao mesmo tempo, é biológico, histórico, cultural e carregado de ambiguidades humanas (Franco & Mendes, 2015). É na existência humana que o ser humano se percebe enquanto corpo sempre em construção, que sofre intervenções tecnológicas e científicas, relacionadas a práticas corporais ou a processos de saúde e de doença (Le Breton, 2013). O indivíduo que adoece ou o saudável usa o corpo, e as formas como ele o utiliza dependem de sistemas simbólicos que compõem a existência (Le Breton, 2012).

Ressalta-se que a concepção de corpo trazida por parte dos PEFs entrevistados indica relacionar-se com suas experiências formativas. Em algumas falas, os bacharéis apresentam concepções de corpo mais relacionadas a aspectos funcionais e biológicos, o que se observou na associação do corpo ao meio de medição da saúde física, de locomoção e de instrumento para a realização de propósitos. O entendimento do corpo em sua totalidade condiz com aspectos relacionados à constituição de ser biocultural, manifestos pelos professores cuja formação passou pela licenciatura. Como percebido, relacionaram o corpo com a cultura e seus diferentes contextos sociais, revelando a influência do currículo sobre os modos de conceber, trabalhar e sentir o corpo dos professores.

À vista disso, demonstra-se o quanto é fundamental conceber uma perspectiva ampla acerca do corpo, sobretudo porque ela baseará as concepções dos profissionais, a forma que vivem, que se posicionam no mundo, que atuam profissionalmente e, acima de tudo, se relacionam consigo e com os outros.

Corpo em adoecimento enquanto processo de existir com hérnia de disco

Observados os aspectos relativos às concepções do corpo, aprofundaremos os processos que transversalizam a experiência humana. Especificamente, aqueles vivenciados pelos entrevistados diagnosticados com HD, ao serem questionados acerca das percepções do corpo em adoecimento. A maior parte dos PEFs participantes atribuem o sentimento de limitação de suas capacidades motoras e físicas ao fenômeno e à experiência do corpo em adoecimento. Além disso, esclarecem que tal sensação provocou o reconhecimento do processo de adoecimento e urgência em procurar acompanhamento médico para obter um diagnóstico clínico: “Você percebe que você tem um problema e que se você não tratar, você vai piorar, porque já influenciou tanto, ao ponto de, às vezes, não conseguir nem andar direito, de ter de influenciar diretamente na vida pessoal e profissional” (SR, 2022).

Refletir sobre a limitação em um profissional que depende do corpo em movimento a maior parte do tempo evidencia a dificuldade em reconhecer o corpo limitado e a complexidade dessa experiência. Perceber as restrições de movimento implica compreender a ação perceptiva para além da resposta fisiológica, reconhecendo o mundo e a si por meio de um novo movimento. Ainda nesse contexto, na relação entre movimento e percepção, Nóbrega (2010) destaca que toda ação perceptiva é movimento, de modo que não é possível dissociá-los. Logo, as limitações não se reduzem a restringir o deslocamento físico, mas também promovem novas percepções sobre o próprio corpo e sobre sua forma de ser e estar no mundo. Nessa perspectiva, o PEF pode ressignificar a experiência da limitação, encontrando maneiras de seguir a vida pessoal e profissional.

Destarte, para se reconhecer diante dos inúmeros sentimentos decorrentes da hérnia de disco, a participante CS externa assim tal ato perceptivo:

Eu comecei a sentir dor nas costas e não procurei fazer exames pra saber o que era, porque, na minha cabeça, eu sou um profissional de Educação Física, então, eu sei como me tratar. Vou tentar fazer musculação para fortalecer, mas chegou um ponto que fugiu do meu controle. Então, o meu pensamento de corpo em adoecimento é isso, quando eu não consigo mais ter controle sobre as minhas sensações. (CS, 2022)

Na fenomenologia da percepção, Merleau-Ponty (2018) aborda a afetividade, o prazer e como constituímos o desejo e o atrelamos ao corpo. Ele observa no processo de adoecimento a intencionalidade e o envolvimento consciente do ser humano com suas vivências, uma vez que, a todo tempo, segundo o autor, o corpo denota suas formas de existir. Em Canguilhem (2009), encontramos a noção de transitoriedade do adoecimento. Desse modo, estudar o

adoecimento e suas relações com a hérnia de disco na condição de processo significa concebê-lo como fato que transversaliza a existência humana, porém que não precisa assumir uma posição de qualidade permanente em saúde. Encarar o adoecimento como fenômeno passível de (res)significação na existência não deixa de provocar dor e sofrimento — sensações muito presentes durante o processo de adoecimento. Acerca disso, Caminha (2021) aponta que algumas situações vividas no corpo são dolorosas para o sujeito, configurando quadros que moldam a experiência da dor.

O indivíduo que experimenta o adoecimento vive um período doloroso e marcado pela permanente busca por restabelecer a saúde, mas tal período não o torna anormal. Quem adoece deve ser reconhecido como um ser que enfrenta um caminho cheio de possibilidades, entre elas a recuperação da saúde. Para Bonetti (2004), é preciso estabelecer, de maneira efetiva, o entendimento do seu estado de saúde enquanto algo temporário, para assim alcançar novas possibilidades para a existência. Em Gadamer (2006), a saúde é entendida como um processo dinâmico no qual o ser humano busca harmonizar sua existência com o ambiente em que vive. Já Canguilhem (2009) relaciona a saúde a uma ótica existencial, concebendo-a como uma forma de perceber a vida que não apenas confere ao indivíduo a capacidade de reconhecer o adoecimento, mas também que possibilita a criação de outras normas vitais.

Ainda em Canguilhem (2009), na obra *O normal e o patológico*, destaca-se que a saúde e a doença não são vistas como opostos, mas como modos distintos de experiência: de estar doente ou estar saudável. A saúde, para ele, é associada à capacidade do organismo de se restabelecer, indo além dos padrões médicos de normalidade. Tal perspectiva não determina que aquele que não se comporta fisiologicamente dentro dos parâmetros está doente. Desse modo, o adoecimento não é visto como oposto à normalidade e como um fenômeno odiável, mas sim como algo multifatorial e complexo, que depende da forma como o ser responde ao adoecimento. Ressalta-se que a fronteira entre o patológico e a saúde é bastante imprecisa e relativa, caso considerarmos diversos indivíduos concomitantemente.

Merleau-Ponty, ao pensar como nos portamos nos estados de existir e a maneira como a saúde e o adoecimento são estados da construção de desejo e da consciência, indica que esses estados são estados existenciais. Para ele, o corpo representa a existência, já que é ele quem a materializa. Portanto, aquele que adoece se restabelece não pelo puro ato de vontade ou por ordem de alguém, mas por convergir o organismo inteiro à recuperação (Merleau-Ponty, 2018). Dessa forma, saúde e doença são entendidas pela ótica existencial como processos presentes em diversos momentos da vida, porém com início, meio e término, além da habilidade humana de transformação, representada pelo corpo vivo de Merleau-Ponty (Mendes *et al.*, 2014). Portanto, ao estudar um fenômeno complexo, é preciso reconhecer que o corpo em adoecimento se manifesta e é sentido por uma consciência que está na carne. Ao aceitar essa condição, reconhecemos que o corpo sofre, mas que pode se reconfigurar a partir do sofrimento.

Tomar o processo de adoecimento como um modo de existir requer um olhar amplo e que considere suas particularidades. Caminha (2021), em *Dor de existir: Buytendijk e Merleau-Ponty pensando o sofrimento humano*, aponta que a dor não é apenas um mecanismo físico-químico. Ele a vê como uma vivência intencional. Segundo ele, viver a dor é se expressar na existência; nesse caso, ela se manifesta tanto na dimensão motora quanto em um quadro de dor aguda. Ao abordar a dor e o sofrimento, percebemos, nas declarações de AP e LN, que eles os associam à limitação, ao corpo envelhecido, associando o envelhecer ao processo de adoecer. A partir disso, constatamos que nem sempre as dores relacionadas ao adoecimento são dores físicas: elas também são de ordem psíquica.

Outros cenários de adoecimento, como depressão, ansiedade e outros sofrimentos que são compreendidos no âmbito da saúde mental, podem possibilitar um deterioramento da saúde física do corpo. A relação entre saúde mental e física pode levar os sujeitos a desenvolverem condições patológicas ergonômicas, posturais e locomotoras, como a hérnia de disco, por apresentarem relação direta com a diminuição de movimentos, com a indisposição e com a perda de massa muscular (Kao et al., 2021). Ao compreendermos o processo de adoecer enquanto etapa do processo de envelhecimento, encontramos que os entrevistados relacionam o adoecimento à perda da funcionalidade, à diminuição de capacidades físicas e à limitação, produzidas pelo sentimento que o adoecimento os envelheceu, conforme identificamos na narrativa de AP(2022) ao observar que o envelhecimento vai reduzindo várias habilidades físicas do indivíduo provocando uma espécie de degeneração nas faculdades do ser humano que vivencia esse processo.

Assinalamos, nas declarações da professora AP, um aspecto relevante: ao se sentir limitada e envelhecida pelo adoecimento, ela afirmou que essa experiência a fez desenvolver o desejo de lutar por uma vida melhor. Tal relato evidencia o potencial mobilizador dessas experiências na busca por superação. De acordo com Le Breton (2016), envelhecer para povos ocidentais é um processo de entrega a uma espécie de luto, no qual há um desinteresse pela vida, dando início a um tipo de desprendimento de si e da vida. Esse processo é lento e cotidiano, e apresenta forte relação com o contexto sociocultural e interpessoal do ser.

Ainda quanto a esses processos, Freitas et al. (2014) estudaram o desenrolar do envelhecimento em PEFs ao descreverem que estes iniciam técnicas de autocuidado com o corpo com o intuito de combater as consequências do envelhecimento. A ausência de cuidados com o corpo, associada ao adoecimento, foi destacada pelos pesquisados: “corpo em adoecimento seria você não ter o cuidado necessário com ele e, consequentemente, você venha a ter alguma lesão” (GS, 2022). Outro entrevistado relatou que, somente após o diagnóstico, passou “a levar um pouquinho mais a sério e a tratar mais” (SR, 2022).

As narrativas acima ressaltam que não existiam cuidados anteriores com o corpo, e que a preocupação em se cuidar apenas foi desenvolvida com o diagnóstico. Diante disso, ressalta-se o quanto é imprescindível estabelecer técnicas para cuidar do corpo independentemente da etapa vivida. A proeminência da dimensão emocional para superar o adoecimento

foi destacada por MA, quando cita a resistência psicológica perante emoções negativas desencadeadas pelo adoecimento. Percebemos, nessa capacidade de superar a adversidade, outras maneiras de enfrentar o processo de adoecimento: “Tem que acreditar que a gente pode superar para poder superar, então esse corpo tem toda relação com seu psicológico, com seu emocional, como você consegue perceber tudo isso, consegue melhor lidar melhor com essas situações” (MA, 2022).

Observamos que o processo de adoecimento, quando compreendido como reinvenção do ser humano em prol da volta à normatividade, não se reduz à ausência de saúde, mas se configura como a expressão do movimento constante de superar os riscos da existência (Canguilhem, 2009). Assim, a hérnia de disco estimula os profissionais para um movimento de reinvenção de normas físicas, traduzida em uma nova maneira de viver. Durante o processo de reflexão acerca do corpo e do adoecimento, buscamos não desconsiderar sua dimensão biológica, entretanto descortinamos discussões evidenciando as demais dimensões que o compõem e aquilo que o cerca. Reconhecemos o corpo enquanto totalidade que se reconstrói a toda experiência e passível de transformação.

Desse modo, cabe à Educação Física e a seus profissionais ampliar, de forma urgente, suas compreensões sobre a temática, a fim de contribuir para que a sociedade reconheça novas formas de entender essa área. É necessário considerar a existência humana, o contexto social e a condição de saúde, favorecendo a percepção de que todos somos seres no mundo, vivendo situações particulares que, embora diversas, não degradam o modo de ser corpo — mesmo diante do adoecimento.

Conclusões

Neste artigo, realizou-se que os PEFs entrevistados para esta pesquisa demonstraram concepções de corpo como objeto e como um corpo biocultural. No que concerne à percepção de corpo em adoecimento, eles apresentaram uma sensação de corpo limitado quanto às possibilidades motoras e às capacidades físicas, tal como um corpo que requer cuidados, e também de corpo envelhecido.

O estudo provocou a ampliação do olhar acerca do trabalhador da Educação Física. Destaca-se o quanto é importante lançar luzes para as percepções sobre si e o campo de atuação laboral, além de ressaltar os impactos do fenômeno corpo em adoecimento para o sujeito, e para as discussões epistemológicas da EF. Ao refletirmos sobre o processo de adoecimento, constatamos a inviabilidade de uniformizar os sujeitos, uma vez que somos seres diversos, com trajetórias particulares. A concepção biológica de corpo não deve ser negada, mas precisa ser ampliada, articulando-se aos processos que transversalizam a experiência humana. Por isso, adotamos a compreensão de um corpo percebido e vivido como totalidade, considerado em suas múltiplas dimensões.

Assinalamos o quanto é fundamental conceber novos entendimentos para a relação entre o corpo e os processos de adoecimento dos PEFs, apontando que a Educação Física é um espaço de constante construção do ser humano por meio do movimento. Ademais, a pesquisa apresentou discussões acerca dos cuidados com o corpo e com a saúde, salientando a necessidade de todos em adotar, de forma permanente uma rotina de cuidados consigo.

Finalmente, aspiramos que as reflexões apresentadas neste estudo contribuam para o estabelecimento de novos sentidos sobre movimento, adoecimento e o outro, entendidos como vias para a construção de novos rumos para o campo da Educação Física. Trata-se de promover um modo de observar a vida e o adoecimento sob uma perspectiva existencial e ampliada do ser humano. Tais pressupostos reforçam a Educação Física como uma área que ultrapassa o enfoque no desenvolvimento e funcionamento do corpo, afirmando-se também como espaço de elaboração subjetiva e existencial.

References

- Araújo, I. de P., Franco, M. A., & Mendes, M. I. B. de S. (2016). O corpo em outdoors da cidade de natal/RN. *LICERE*, 19(2), 136–167. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.1241>
- Bonetti, A. (2004). O ser doente: Uma visão à luz de georges canguilhem. *Pensar a Prática*, 7(1), 45–58. <https://doi.org/10.5216/rpp.v7i1.65>
- Caminha, I. de O. (2019). *10 lições sobre merleau-ponty*. Vozes.
- Caminha, I. de O. (2021). Dor de existir: Buytendijk e merleau-ponty pensando o sofrimento humano. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 2(1), 71–79. <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/74>
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Forense Universitária.
- Creswell, J. W. (2007). Five qualitative approaches to inquiry. In *Qualitative inquiry and research design* (pp. 23–84). Sage Publications.
- Franco, M. A., & Mendes, M. I. B. de S. (2015). Fenomenologia e educação física. *Motrivivência*, 27(45), 209–218. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p209>
- Gadamer, H. G. (2006). *O caráter oculto da saúde*. Vozes.
- Kao, Y. C., Chen, J. Y., Chen, H. H., Liao, K. W., & Huang, S. S. (2021). The association between depression and chronic lower back pain. *International Journal of Psychiatry in Medicine*, 57(2), 165–177. <https://doi.org/10.1177/00912174211003760>
- Le Breton, D. (2012). *A sociologia do corpo*. Vozes.
- Le Breton, D. (2013). *Adeus ao corpo*. Papirus.
- Le Breton, D. (2016). *Antropologia do corpo*. Vozes.
- Mendes, M. I. B. de S., Araújo, A. C., Dias, M. A., & Melo, J. P. de. (2014). Reflexões sobre corpo, saúde e doença em merleau-ponty. *Movimento*, 20(4), 1587–1609. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.42958>

- Mendes, M. I. B. de S., & Nóbrega, T. P. da. (2004). Corpo, natureza e cultura. *Revista Brasileira de Educação*, 27, 125–137. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000300009>
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.
- Moura, D. L. (2021). *Pesquisa qualitativa*. CRV.
- Nóbrega, T. P. (2010). *Uma fenomenologia do corpo*. Editora Livraria da Física.
- Serrano, J. L., & Caminha, I. de O. (2018). As redes sociais como estratégia de marketing pessoal. In *Educação física e as reviravoltas do corpo* (pp. 149–161). Appris Editora.
- Silva, L. A. N. da, & Nóbrega, T. P. da. (2015). Merleau-ponty e nishida kitaro. *Anais IV Colóquio Internacional Do Corpo e Cultura Do Movimento*, 18–26. <https://memoria.ifrn.edu.br/handle/1044/802>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa. *Temáticas*, 22(44), 203–220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>

Como citar

Duarte Aquino, L. S., Alves Franco, M., Ribeiro Baptista, T. J., & Brandão de Souza Mendes, M. I. (2025). Reflexiones sobre el cuerpo, la enfermedad y la actuación del profesional de Educación Física en Crajubar, Ceará, Brasil. *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 15(2). *Cuerpo, Cultura Y Movimiento*, 15(2), 12-24. <https://doi.org/10.15332/2422474X.10093>